

ROTINIZAÇÃO DA ROTA: A MORTE SÚBITA DO FLÂNEUR
ROUTE ROUTINE: THE SUDDEN DEATH OF THE FLÂNEUR
RUTINA DE LA ROTA: LA MUERTE REPENTINA DEL FLÂNEUR

Rodrigo Saturnino

Ddo., Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
rodrigo.saturnino@gmail.com

Resumo

O texto reflete sobre o conceito de flâneur e procura perceber se, de fato, ainda é possível admitir sua transposição para o atual contexto de utilização da Internet, como tentaram fazer alguns autores no início dos anos 2000. O trabalho recupera as apreciações lítero-históricas de Baudelaire e Benjamin a fim de conjugá-las com as ampliações metafóricas que foram feitas em relação a este fenômeno social. O objetivo é compreender até que ponto a prática do flanador desdobra-se para o ciberespaço.

Palavras-chave: Flâneur; Ciberespaço; Rotina.

Abstract

This article reflects about the flâneur's concept, in order to understand if, indeed, it is still possible to admit its transposition into the current Internet context, as some authors have tried to do in the early 2000s. The work retrieves the literary-historical assessments of Baudelaire and Benjamin to conjugate them with metaphorical extensions that have been made in relation to this social phenomenon. The goal, in this way, is to understand whether the flâneur's exercise unfolds into the cyberspace.

Keywords: Flâneur; Cyberspace; Routine.

Resumen

Este artículo propone una reflexión sobre el concepto del flâneur y trata de entender si, de hecho, es posible todavía admitir su transposición para el contexto actual del uso de la internet, ya que algunos autores han tratado de hacérselo desde de la década de 2000. La obra recupera las contribuciones literarias y históricas de Baudelaire y Benjamin conjugandolas con las extensiones metafóricas que se han hecho en relación a este fenómeno social. El objetivo es entender en qué medida la práctica del flâneur se despliega para el ciberespacio.

Palabras-clave: Flâneur; Ciberespacio; Rutina.

Introdução

A Internet é um lugar de trajetórias. A afirmação é de Lev Manovich (2005). Segundo o autor, a dinâmica do ciberespaço afirma-se pelo seu caráter rizomático e simbólico, sendo caracterizado por infinitas possibilidades de percursos imaginários. No admirável universo *cyber* de Manovich, a conectividade emerge como elemento fundamental para sua sustentação enquanto *locus*. Na acepção elucubrativa do autor, a Internet deve ser entendida como uma realidade análoga ao *habitus* da experiência cotidiana, sendo, portanto, considerada como um *espaço navegável*, aberto ao decurso errante e propício ao ato da flânerie.

Seguindo este raciocínio, o objetivo deste artigo-ensaio é, despretensiosamente, refletir sobre o conceito de flâneur para perceber se, de fato, ainda é possível admitir sua transposição para o atual contexto de utilização da Internet como tentaram fazer alguns autores como Goldate (1998), Manovich (2001), Lemos (2001) e Hartmann (2005). O trabalho recupera as apreciações lítero-históricas de Baudelaire (2006) e Benjamin (2002) a fim de conjugá-las com as ampliações metafóricas que foram feitas em relação ao termo e, desta forma, compreender até que ponto o exercício do *flanador* desdobra-se para o universo hipertextual do ciberespaço.

A arte de ser vagabundo

Nos dicionários, os termos flâneur e flânerie têm restrita ligação ao ato de deambular sem destino; uma prática de quem ostenta a divagação. Não é exagero dizer que um dos principais contextos do surgimento da flânerie encontra-se em Paris¹. Na sua forma genérica, a diversidade de conceitualização concentra-se em afirmar uma intrínseca conexão entre o flâneur e o nascimento da chamada “modernidade”, um período marcado, principalmente, pelas revoluções tecnológicas da industrialização ocorridas no séc. XIX. É neste sentido que Paris emerge como principal sustentáculo da flânerie. Além da sua imponência como metrópole moderna, sua forma enigmática, representada pelas ruas estreitas, becos medievais e galerias comerciais, do mesmo

¹ Importante não desconsiderar a aproximação londrina do flâneur de Baudelaire que emergiu através do “homem da multidão” de Edgar Allan Poe. No entanto, a considerar o avanço da industrialização de Londres quando Poe escreveu o seu conto, supõe-se que o ato da flânerie era mais propício em Paris. Provavelmente o contexto taylorista de 1888 já não reservava espaço para tal prática.

modo, serviu de cenário oportuno para a performance contemplativa do flâneur. O exercício, aparentemente cultivado na reputação dos parisienses como fruto do desejo de desbravar a cidade - entendida como *realidade sociológica* -, de modo anônimo mas sem recalques antissociais, fez da flânerie uma paixão anestésica para muitos homens do século XIX (BENTO, 2004. p.19). No seu ofício, a multidão figurava como lugar fundamental para a prática eminente da sua morosa ação. Flanar, portanto, era uma espécie de exercício sismográfico, mesclado entre a contemplação, a vigília, o ócio e a reflexão, utilizado como instrumento dissidente que se opunha ao automatismo introduzido pela maquinização das cidades (SELBACH, 2006). Na multidão, enquanto massa desordenada, o flâneur serve-se do seu caráter desviculante para integrar a sociedade sem, ao menos do ponto de vista imaginário, fazer comungar do seu projeto. Nela, a personalidade atomizada se dissolvia ao mesmo tempo que se integrava. Ao misturar-se, tornava-se partícula paisagística que compunha o cenário urbano organizado pela lógica excludente do progresso. Era nela também que se deleitava como anônimo subjetivado pela pulverização da sua *persona* entre milhares de identidades desconectadas. Em suma, a flânerie caracterizava o indivíduo interessado no simples exercício litúrgico de uma vida contemplativa aplicada àquilo que Balzac nomeou de “gastronomia do olhar”, uma forma cinética de acompanhar as mudanças através do que escapa ao olhar comum (PAIS, 2010, p. 40).

O paradigma da flânerie também é entendido como fruto do progresso capitalista pela qual a cidade de Paris foi submetida. Considerada como o palco de grandes revoluções políticas e industriais, Paris não era vista apenas como a capital da França. Não foi só conhecida pela produção artística, filosófica e militante, como também despertou o interesse da arquitetura mundial.

Ao suportar os desafios de Haussmann, convidado por Napoleão III para alterar toda a fisionomia da antiga cidade, passou a representar um ícone mundial da arquitetura moderna. Os resultados do trabalho do *artiste démollisseur*, como ficou conhecido Haussmann, provocou a mais forte alteração arquitetônica já vista nas cidades do séc. XIX. Em nome do rigor da funcionalidade social, o Barão francês abriu amplas avenidas, criou prédios públicos, *boulevards* e largos espaços para suportar grandes fluxos de pessoas, de trânsitos e de lucros (BENJAMIM, 2002, p. 42).

A metrópole explodiu sob a forma de símbolo do progresso. Ao mesmo tempo revelou, com sua ostentação, um novo problema social. A “haussmannização” de Paris fez transbordar na fisionomia e na fisiologia parisiense o fenômeno da multidão. O projeto político de Haussmann sustentava-se na consecução de uma cidade mais embelezada, mais limpa, menos propícia às insurreições populares e acima de tudo, uma cidade mais veloz. Com espaços de sobra para grandes ajuntamentos, mas também com facilidades de manobras para o controle social, o movimento multitudinário e indefinido da dinâmica da multidão, reconfigurou a velha individualidade dos períodos anteriores às revoluções industriais, obrigando o flanador a uma decisiva transformação. O desenvolvimento tecnológico da cidade conduziu a prática do flâneur para um *habitus* subterrâneo. Ao mesmo tempo em que a Paris de Haussmann contemplava o surgimento de uma multidão frenética envolta em barricadas de carros e luzes históricas, o flâneur passou a experimentar um dos seus primeiros declínios. Na cidade haussmanniana, as reformas cirúrgicas do espaço urbano representaram mudanças importantes para o desenvolvimento social e econômico da metrópole. O movimento racional da arquitetura, por outro lado, colocou a figura do flâneur em um lugar de vitupério. Não se findaram os seus exercícios desprendidos do vagar garboso e errante. Foram, entretantes, reordenados e, por vezes, reduzidos pela celeridade do capital.

A angústia do poeta errante

No ensaio *Le Peintre de La Vie Moderne*, publicado em 1863, Baudelaire utilizou a figura emblemática de um artista notável para elaborar a sua tese sobre o flâneur. A personagem deu o tom crítico ao seu ensaio para, assim, contrapor o novo modelo social que emergia na sociedade parisiense do séc. XIX durante o processo de industrialização. *Monsieur G* era um “cidadão espiritual”, um artista que se interessava pela vida e por tudo que o rodeava. Ele compreendia a sociedade e as suas razões misteriosas porque se empenhava em conhecê-la de forma global (BAUDELAIRE, 2006, p.15).

A personificação da personagem representava o desprendimento do autor diante dos condicionalismos sociais e econômicos que a sociedade parisiense insistia em imputar aos artistas que resistiam ao processo de industrialização da cidade. Segundo o

poeta, para o “homem do mundo” seria insuportável restringir a sua competência elaborativa da vida apenas às limitações presentes nos círculos da maioria dos artistas, estes vencidos pela cooptação, verdadeiros homens “brutos muito cheios de jeito, pura mão-de-obra, inteligências campônias, cérebros de um qualquer lugarejo” (BAUDELAIRE, 2006, p.15).

O protagonista de Baudelaire simbolizava a exaltação do “homem do mundo”, aquele que se prendia ou se desprendia para conhecer toda superfície, sem restrições territoriais. Dois aspectos moviam os interesses de *Monsieur G*: a curiosidade - o ponto de partida para sua genialidade - e a convalescença - que o levava a se interessar “vivamente pelas coisas, mesmo por aquelas que são aparentemente mais triviais” (BAUDELAIRE, 2006, p. 16).

Através dele, Baudelaire distanciava-se dos moralismos estratégicos da política para absorver, como uma esponja, as coisas que os seus olhos alcançavam. *Monsieur G* era um especialista no exercício da observação. Por isso, ele se abnegava em ser categorizado como artista (no sentido restrito da palavra e do contexto do séc. XIX) e em ser chamado de *dandy*, mesmo sendo este o símbolo da aristocracia, da sofisticação e da inteligência sutil em relação ao conhecimento do mecanismo moral do mundo. O *dandy*, apontou Baudelaire, apesar das tais atribuições, aspirava à insensibilidade do mundo. Era um ser *blasé*, no sentido atribuído por Simmel (1903), um indivíduo atomizado, relapso, amorfo e insípido pela política ou por razões de natureza familiar.

Restou ao autor, depois de eliminar as categorias deficientes, incluir sua personagem na condição de flânador. A multidão era o seu domínio. Sua função era desposá-la em perfeito comprometimento com suas atribuições. O flâneur era um observador apaixonado que elegeu domicílio na invisibilidade. Ela habitava o inconstante, o movimento, o fugitivo e o infinito, e nisto estava o seu imenso gozo (BAUDELAIRE, 2006, p.18). O flâneur estava fora de casa. No entanto, sentia-se, em todo lado, no seu próprio lar. Ele podia ver e sentir o mundo. Podia estar no centro dele mas, ainda assim, sorrateiramente, conseguia permanecer oculto e insubordinado às estruturas automáticas de classificação.

O flâneur de Baudelaire, nas observações cotidianas e na absorção do mundo, sobrevivia no interior do que ele chamava de modernidade, ou seja, no transitório, no contingente e na metade da arte. Para Baudelaire, o ato de deambular como um

vagabundo errante era um exercício de contemplação artística. No seu delírio poético, os passeios do *Monsieur G* serviam de fonte para alimentar a sua memória. Perdido na multidão, aproveitava para olhar sem julgamento e construir, num ato de *expertise*, a própria ordenação do mundo. O devaneio era a reflexão do flâneur. O exercício de ordenar servia para “atribuir um sentido eterno aos instantes captados. [...], funcionando como um ‘caleidoscópio dotado de consciência’” (BENTO, 2004, p. 22). Enquanto flanasse, estaria, desta forma, liberto do embotamento causado pela tonalidade baça da economia monetária do projeto da modernidade.

A multidão era o símbolo do seu questionamento em relação à transição que a cidade e a sua etnogênese enfrentavam com os avanços do séc. XIX. O pintor da vida moderna preconizava a figura emblemática de resistência às crises de identidade cultural que a modernidade e os *boulevards* haussmannianos irradiavam nos indivíduos hipnotizados por grandes e nervosas passarelas abertas como veias pulsantes de suor e de dinheiro. O flâneur refletia o estado dissidente e provisório do ser no mundo. Todos os demais que sucumbiam às exigências destas transformações, eram rebatidos por ele. Como artista, era o último e como sobrevivente, era o derradeiro no caos da transitoriedade. Seu trunfo era fruto dos constantes atos de metamorfose, anonimato e mutação. O pintor da vida moderna pincelava o próprio mundo com movimentos ariscos e fugazes. Fazia sua ronda no meio das galerias comerciais, nas *arcades*, nas passarelas da moda, nas manifestações e nas greves. No entanto, não se apegava a nenhuma delas. Flanar era resistir para refletir.

O ensaio de Baudelaire inaugurou marcos posteriores através das suas formulações sobre o lugar do tempo e da arte no meio do sufrágio da cidade em relação aos projetos de modernização. Para ele, apenas o *artiste-flâneur* conseguiria - no interior das turbulências e da histeria da metrópole – preservar, como um antropólogo da memória, as imagens da subjetividade experimentadas durante as deambulações que realizava. Baudelaire acreditava que a modernidade retirava da cidade o lugar acolhedor que ela constituía. No lugar de conforto, a cidade havia se transformado num espaço de indiferença e hostilidade, um *território de correrias* (PAIS, 2010). A voz nostálgica do poeta suspirava, esperançosamente, através do seu herói: ele era o único protagonista com chances reais de transformar as imagens captadas durante a flânerie em novas formas poéticas de interpretação da realidade. Este era o seu último esquivo de

subversão da tecnocracia que estruturava, uniformizava e maquiava a sociedade insurgida durante a Revolução Industrial.

A cooptação da multidão

O tema da cidade e de suas transformações estão presentes em diversos artigos de Walter Benjamin. No texto “Paris, the Capital of the Nineteenth Century” e em “On Some Motifs in Baudelaire”, Benjamin (2002) descreveu a transformação que a capital francesa sofreu durante os grandes investimentos de modernização da cidade. No desenrolar da sua narrativa, o autor elaborou uma das mais importantes análises filosóficas acerca da figura do flâneur (HARTMANN, 2004). Benjamin concordava com Baudelaire, e era a partir dele que destacava a rua e a multidão como lugares de refúgio do flâneur, apresentando um novo desfecho para esta personagem. O toque “marxista do tom benjaminiano conduziu a imagem do flanador para o campo da reflexão teórica, admitindo uma função simbólica aos traços identitários deste indivíduo moderno. Na sociedade industrializada, a flânerie estava destinada a sobreviver não apenas no brilho do asfalto, mas também nos interstícios e nas passagens construídas entre as luxuosas galerias comerciais da Paris do séc. XIX. A ideia presente na obra inacabada *Arcades Project*, elucida a reflexão do autor sobre um flâneur que se perde entre a transparência dos vidros e a intensa sensação de *continuum infinitum*. A galeria, “o templo da mercadoria capitalista”, ao contrário da rua que faz circular o tráfego e as trocas, afirmou-se como espaço singular para o comércio e para o andar sem apressar. Espaço no qual Benjamin colocará o arquétipo do flâneur em profunda sinergia. As galerias são passagens e, portanto, próprias ao passeio e à observação ociosa e descontraída. Nelas, o flanador distanciava-se do tormento do trânsito e do barulho das grandes avenidas para gozar de um mundo em miniatura, refastelado pela doce ilusão da anulação do *tedium vitae* que urgia no seu exterior.

Benjamin, nos seus interlúdios de otimismo, acreditava que a ilusão da indústria e o *pecado* da mercadoria poderiam, de certa forma, sucumbir à luz daquilo que chamou de “iluminação profunda”, levada a cabo pela prática letárgica e topológica da flânerie. A imagem heróica do flâneur, entretanto, encontra na multidão tanto a sua anestesia social como o seu pior pesadelo. Se por um lado propiciava o exercício do anonimato,

por outro, criava uma paisagem fantasmagórica coberta por um véu que escamoteava o lado horrível da sociedade. No mesmo sentido, a solidão introduz mais um tormento à vida do flâneur. Quanto mais anônimo estivesse dentro da massa e quanto mais se sentisse fora do processo em que a multidão estava incluída, seu sentimento de isolamento involuntário seria mais evidente.

A cidade de Benjamin exigia mais do flâneur. A marginalização do ócio e do anonimato na metrópole passou a ser a nova ameaça à vida do deambulante. Aos poucos, a força da flânerie foi cedendo lugar à celeridade dos processos de mercadorização da sociedade. Cooptada, restou à multidão seguir atrás do processo industrial. Na distensão e na decadência da cidade, a personagem conceitual de Benjamin sofre. Já não há tempo para flunar. No meio dos que marcham no ritmo da moda e da mercadoria, o destino fatal do flâneur era render-se ou resistir. Dificilmente ele conseguiria esquivar-se do poder da embriaguez alucinógena em que as pessoas desvinculadas estavam envolvidas. Mas para Benjamin, a atenção que deu à figura abjeta do flâneur era, sem exageros, a representação hiperbolizada do seu desejo filosófico por um protesto do olhar, por um gesto que troca, voluntariamente, o efêmero pelo constante e por uma *práxis* que abrandava a velocidade através do exercício lento e humano da vida cotidiana.

Os últimos suspiros do flâneur

A cidade, depois das revoluções e metamorfoses descritas por Benjamin e Baudelaire, continuou seu processo de modernização. Na sociedade contemporânea, os seus movimentos fizeram nascer um novo espaço. Ao invés de largas avenidas ou geométricos *boulevards*, passamos a experimentar espaços *desterritorializados*. O ambiente simbólico da Internet é o exemplo mais profícuo.

Os sociólogos e teóricos da comunicação dedicaram inúmeras páginas para celebrar o seu surgimento. Manuel Castells (2002; 2003) é um dos mais promissores autores a refletir sobre as transformações sociais que ela acarretou. Reafirmando o antigo paradigma da revolução tecnológica, chegou a considerá-la como marco análogo de uma nova revolução industrial. Apropriando-se da metáfora da rede, Castells acreditava que a sua criação representou uma nova forma do sujeito vivenciar sua

posição no mundo. Para o sociólogo, a chegada da Internet no início dos anos 2000 revolucionou todo o padrão cultural anteriormente estabelecido, atingindo todas as crenças e códigos construídos ao longo da nossa história.

Para além das potencialidades sociológicas que Castells (2002; 2003) destacou, o caráter rizomático da Internet colaborou para estabelecer marcos simbólicos em relação à geografia das coisas. A reorganização do espaço, do tempo e da nossa interação afetiva vem sendo considerada como um dos aspectos cruciais para sua consolidação como ambiente relacional. Sem dúvida, a afirmação de Lev Manovich (2001), que se junta à de Hartmann (2004), confirma-se: A Internet é um espaço marcado por trajetórias, propício às analogias com a navegação.

A experiência de navegação adiciona ao imaginário do utilizador, novas formas de subjetivação da sua identidade. Segundo Manovich (2001), a estrutura navegável fortaleceu a necessidade afetiva do sujeito deambular e explorar lugares. Foi neste sentido que o autor tentou resgatar o conceito de flâneur ao ampliar a sua perspectiva futurista do mundo digital. Para ele, as restrições físicas da cidade foram, literalmente, superadas na Internet na medida em que o utilizador faz do seu percurso no espaço *cibernético* a rota espelhada da sua própria subjetividade.

The navigable space is thus a subjective space, its architecture responding to the subject's movement and emotion. In the case of the flâneur moving through the physical city, this transformation, of course, only happens in the flâneur's perception, but in the case of navigation through a virtual space, the space can literally change, becoming a mirror of the user's subjectivity (MANOVICH, 2001, p. 269).

Segundo ele, o flâneur cibernético reitera a ontologia do conceito, uma vez que o espaço para o qual foi conduzido permite um movimento constante. O “clique” em objetos simbólicos ressignifica a experiência da deambulação. Como se estivesse numa cidade infinita, o utilizador amplia o seu campo de navegação quando internaliza a possibilidade de deslocamento através da aleatoriedade dos *cliques*.

Para Manovich (2002), o espaço navegável não está preso à fisicalidade ou às interfaces funcionais. Em analogia ao movimento do flâneur da metrópole – ocorrido unicamente na percepção do próprio sujeito e de quem o confirma como válido – a experiência de deslocamento no ciberespaço é também uma expressão simbólica, um

desejo psicológico e um estado de ser de quem navega. Afinal, nos dois casos, é ele quem se desloca, enquanto o espaço continua inerte. Ao contrário da dureza da cidade, na Internet, defende Manovich (2002), o espaço é rizomático e pode transformar-se. E Manovich vai mais longe: afirma que o fracasso do flâneur da modernidade de Baudelaire foi superado no terreno do digital, realizando não só o sonho democrático de Castells, como também recuperando a sua honra através do despojamento da Internet enquanto campo de multidões “infinitas”. Já não são as cores ou as formas da cidade que o confortam, mas a variedade de operações que ele pode executar a partir das próprias decisões.

Like Baudelaire’s flâneur, the virtual flâneur is happiest on the move, clicking from one object to another, traversing room after room, level after level, data volume after data volume. [...] navigable space is not just a purely functional interface. It is also an expression and gratification of a psychological desire, a state of being, a subject position – rather, a subject’s trajectory. If the subject of modern society looked for refuge from the chaos of the real world in the stability and balance of the static composition of a painting, and later in the cinematic images, the subject of the information society finds peace in the knowledge that she can slide over endless fields of data, locating any morsel of information with the click of a button, zooming through file systems and networks. She is comforted not by an equilibrium of shapes and colors, but the variety of data manipulation operations at her control (MANOVICH, 2002, p. 274-275).

No texto “Ciber-Flânerie”, André Lemos (2001) defendeu uma ideia similar. O autor estabeleceu uma aproximação direta entre o comportamento dos utilizadores da Internet e a figura do poeta-vagabundo das metrópoles. Para Lemos (2001), a flânerie urbana e a cibernética se relacionam a partir da questão espacial que ambas estabelecem. No espaço simbólico da Internet, a ciber-flânerie “traduz-se em uma apropriação do ciberespaço pela hipérbole, pela profusão de informação, pelo excesso”. Como Manovich, o autor pontua a questão relacional que se constituiu durante a “navegação” dos utilizadores. Lemos (2001) considerou que a estrutura imaginária da rede da Internet permite o “livre caminhar por *links*, como um ciber-flâneur, experimentando a não-linearidade (ou multi-linearidade), a multiplicidade e a heterogeneidade de pontos de vistas”. O autor chega a afirmar que esta experiência não representa uma privação ou isolamento, mas uma forma “de construir e inventar o dia-a-

dia” (LEMOS, 2001).

Manovich (2002) e Lemos (2001), no rastro das especulações precursoras de Goldate (1998), partilham de uma visão: a Internet é um espaço de cartografias simbólicas. Devemos concordar com os autores na medida em que a realidade só pode existir a partir das interações simbólicas estabelecidas no interior das sociedades. Não basta ser físico para ser real. Enquanto lugar simbólico dotado, tecnicamente, de mecanismos que simulam rotas, a Internet, de fato, é um espaço sem aspas. Até aqui é possível admitir alguma conexão entre a figura de Baudelaire e a que emerge no seu interior. Sem dúvida, o utilizador realiza um percurso no uso que faz da Internet através das suas ligações e hiperligações. No entanto, a ampliação do conceito deve se restringir apenas ao caráter lúdico e metafórico da ação. A agência política que está implícita, por exemplo, no delírio do flâneur baudelairiano e no ativismo de Benjamin, sofrerá decisivas restrições esquemáticas se tentarmos ampliá-la ao atual comportamento dos utilizadores da Internet. O flâneur, na sua constituição clássica, era caracterizado pela atitude despreziosa, gratuita e errante em relação ao seu tempo. O desejo de sucumbir aos condicionalismos da industrialização aterrorizava a sua constituição identitária. A postura de vagabundo no meio da multidão era resistência e desprezo contra a rotina que a máquina inaugurava.

A poética otimista de Lemos e Manovich deixou de lado o destino que Benjamin deu à flânerie. No apogeu da Internet, o ciberespaço ostentava o título de lugar em construção constante. Vivíamos o *frenesi* rizomático. *Hiperlinks* ilimitados, volume de dados incontáveis, conteúdos diversificados, trajetórias infinitas à frente das cores vibrantes dos ecrãs. Continuamos a experimentar suas transformações. Entretanto, três aspectos latentes estabeleceram um marco de dormência na postura do flâneur cibernético defendido pelos dois autores: a produção do *self*, o vigilantismo e a *rotinização da rota*.

Na multidão de Baudelaire o sujeito transformava-se. Era um sujeito não-sujeitado. No gozo do flanador ardia o desejo de se perder no meio dos transeuntes a fim de não ser nem encontrado nem reconhecido. Assim, ele constituía sua subjetividade enquanto Ser subsistente dos espaços não institucionalizados. Nos períodos de êxtase tecnológico, principalmente no seu primeiro *boom*, a Internet foi celebrada como lugar simbólico de transitoriedade, de impermanência e da autonomia.

Estes atributos continuam associados ao seu caráter reticular. No entanto, o *deslocamento sedentário* que experimentamos atualmente condiciona-se pelo poder de cooptação dos nossos desejos pela *fabulosidade* que a oferta dos grandes monopólios digitais exerce sobre nosso cotidiano.

Na “meta-cidade”, o ciber-flâneur rende-se não mais aos centros comerciais, mas à justificação da presença ou àquilo que Pais (2010) chamou de “dar nas vistas”. Não há gozo em perder-se na multidão de informação. Ao contrário, a Internet de hoje exige reputação. O anonimato, apesar de continuar a existir, não justifica a postura do *navegante*. A Internet de hoje exige personalização e publicidade. Ao contrário da flânerie, ela é um convite para nos encontrarmos e para ser encontrado. O jogo relacional e afetivo que ela estabelece, colabora para criar novas identidades, novas subjetivações, novas complexidades e uma gigante base de dados eficaz aos serviços de triagem publicitária e vigilância consentida. Não há navegação caótica. Existem itinerários quase mecânicos, naturalizados pela repetição monótona e anestésica. Clicamos nos mesmos *links* e nos mesmos *likes*.

Se é verdade que alguma vez existiu um flâneur cibernético, os seus últimos suspiros, ironicamente, reclamam por privacidade no meio da *ciber-multidão*. Ele regozija e sofre. Alegria-se com a infinita “cidade” que espera por ser despojada, comemora sua cidadania, mas angustia-se com tantos dispositivos capazes de identificá-lo e localizá-lo de maneira muito mais eficaz do que as medidas aplicadas no séc. XIX. A tecnologia de IP's e os registros obrigatórios para subscrição de *sites* na Internet, os cartões SIM e os sistemas de GPS dos telemóveis e *tablets* aterrorizam sua existência. Sua rota foi transformada em rotina de valor comercial. O flâneur cibernético é um peão. Não movimenta *en passant*. Participa de um jogo involuntário que torna a sua ação, uma prática amnésica e rentável na medida em que não consegue escapar do tabuleiro. Ao consentir, auxilia a escamotear a força política da vigilância que se realiza através do seu ato (POSTER, 2000, p. 102). O navegante está confuso. Na sua memória emerge a lembrança de que o registro da sua trajetória não passa de um pressuposto social de normalização e harmonização das populações, conforme defendeu Foucault (1999). Mesmo admitindo as potencialidades do novo espaço, sabe que quanto mais fugir, mais será encontrado. Quanto mais navegar, quanto mais clicar e quanto mais marcar os amigos nas fotos, mais estará engrossando as estatísticas.

A Internet de hoje não admite a contemplação, não suporta a melancolia nem as angústias do mundo. Ela é pró-ativa, feliz e rentável. Ao contrário do que escreveu Lemos (2001) quando celebrou a flânerie cibernética, os *cliques nervosos e aleatórios* apagam as marcas do ciber-flâneur na rede e justifica o estado latente da sociedade que o flanador de Baudelaire ignorava. Já não há tempo para “ levar tartarugas para passear pelas galerias” e seguir o protesto de Benjamim contra o capital (BENJAMIM, 1994, p.50-51).

A celebração filosófica e *ecológica* da Internet é tentadora. Estamos diante da máxima experiência de comunicação que a todo instante nos seduz. Se alguma vez esta experiência foi de desvio e de invisibilidade, hoje ela tende a evidenciar que as clivagens do discurso político da Internet vulgarizaram todas as suas teorias de resistência contra a essencialização das identidades e dos recessos íntimos e subjetivos.

Referências Bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. **O Pintor da Vida Moderna**. 4ª ed. Lisboa: Nova Veja, 2006.

BENJAMIM, Walter. **Selected Writings, Volume 3: 1935-1938**. Ed. Michael W. Jennings, et al. Cambridge, MA, and London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2002.

_____. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENTO, Célia. Margarida Lourenço. **O regresso do flâneur nos anos oitenta: Paare, Passanten de Botho e Strauss e Die Berliner Simulation de Bodo Morshäuser**. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **A Sociedade em Rede**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 2002.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Nau Ed: Rio de Janeiro, 1999.

GOLDATE, Steven. **The 'Cyberflâneur' - Spaces and Places on the Internet. Part I and II**, 1998. Disponível em: <http://www.ceramicstoday.com/articles/050498.htm>, acesso em 10 set. 2010.

HARTMANN, Maren. **Technologies and Utopias: The cyberflâneur and the experience of “being online”**. Munchen: Verlag-Reinhard Fischer, 2004.

LE MOS, André. “Ciber-Flânerie”. In Fragoso, S., et alli., **Comunicação na Cibercultura**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. London, Massachusetts: The MIT Press, 2001.

PAIS, José Machado. “O 'corre-corre' cotidiano no modo de vida urbano”. In: **Revista Tomo**. Sergipe: UFS, n.16 jan./jun., 2010, pp. 131-156.

POSTER, Mark. **A Segunda Era dos Media**. Oeiras: Celta Editora, 2000.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Pegadas urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur**. Cachoeira do Sul: Ed. do Autor, 2006

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: **Mana** Vol.11 n°.2 Rio de Janeiro, 2005, pp.577-591.

Original submetido em: 06/01/2014

Aprovado para publicação em: 20/11/2014

Sobre o autor

Rodrigo Saturnino

Doutorando em Sociologia - Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Mestre em Comunicação e Cultura - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Investigador do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais da Universidade Aberta de Lisboa

